



Evaristo Ferreira da Veiga

12 de Maio de 1887

Completa-se hoje cincoenta annos da morte de Evaristo Ferreira da Veiga. Se a nenhum brasileiro é licito desconhecer esse nome, menos será olvidal-o no dia em que o kalendario patrio determina-lhe o jubileu.

A' imprensa—isto é, todcs quantos vivem do jornal e do livro, desde o typographo até o livreiro, desde o *reporter* até o publicista—mais que a qualquer outro corre o dever de memorar o livreiro-jornalista que do seu modesto balcão, com um prestigio sem exemplo entre nós, influio mais forte e beneficemente nos destinos da patria.

Evaristo Ferreira da Veiga, no dizer conceituoso e feliz de um dos seus biographos—é o mais genuino producto intellectual sul-americano. Nascido e educado no Rio de

Janeiro, sem jámais ter viajado por paizes estranhos, nem cursado academias, conseguiu—pelo character, impôr-se ao respeito dos concidadãos; pelo civismo, conquistar a admiração dos estrangeiros; e pelo talento, elevar-se á representação nacional. E quer eleito pela sua cidade natal, quer pela provincia de Minas, o foi sempre pelo voto espontaneo do povo que nelle via o seu mais extrenuo defensor.

Ninguem como elle, por aquelles tempos, modelou mais bellas feições de character, deu mais acrysoladas provas de patriotismo, nem encaminhou mais utilmente o seu talento.

No ardor do enthusiasmo pelas liberdades patrias levou ao extremo a sua dedicação por tão santa causa, mas sem jámais descurar daquelles a quem a sociedade impunha-lhe

o dever de ser o amparo e o guia no caminho da vida; e — é bello isto — quando a morte colheu o cidadão antes dos 38 annos de idade, o chefe de familia deixava a esposa e as filhinhas ao abrigo, ainda que modesto, dos vendavaes da sorte.

Se carecesse de um simile para realçal-o mais ainda, ali estava Benjamin Franklin, a quem *Labouraye* com tanto acerto denomina — o Socrates americano.

Como o *typographo* illustre de Boston, o livreiro fluminense, tambem ergueu-se das camadas inferiores das legiões do trabalho, e pouco e pouco, sem esforços ambiciosos, nem calculados artificios, lenta, gradual, naturalmente, elevou-se na esphera social como o sol emerge suavemente das caligens invernosas de uma manhã de Junho, até que evolvendo-se os vapores levantados da terra, brilha esplendente de luz e calor.

Como Benjamin Franklin no fundo da sua pequena officina, Evaristo da Veiga, na sua loja, aproveitava as horas do lazer para enriquecer o espirito: e só quando se achou aparelhado para a lucta, isto é — independente pela posição e autorizado pelo saber — é que entrou com o contingente valioso da sua penna e da sua palavra para a grande obra da consolidação da nacionalidade brasileira.

E para que nada faltasse á semelhança com o modelo, tambem Evaristo ao ver terminada a reconstituição patria, buscou o remanso das letras, a serena atmospheria do ensino, consagrando-se com tocantes desvellos ao aperfeiçoamento moral do povo; levando o poderoso influxo do seu grande espirito e o prestigio do seu venerado nome á então ainda infante sociedade Amante da Instrucção, esse abençoado regaço de orphãs desvalidas, a mais sympathica e a menos conhecida das nossas instituições philanthropicas.

Evaristo Ferreira da Veiga é o prototypo do jornalista brasileiro; não imitou como tambem não pôde ser imitado. Moldado e feito para o periodo politico em que viveu, assumio por meio da imprensa uma posição excepcional, unica, como só elle soube conquistar e manter. John Armitage, o sisudo e autorizado historiador desse periodo, considera-o: « um dos escriptores politicos mais talentosos, não só do Brazil como da lingua portugueza. »

Não ha nisto exagero; antes delle só Hypolito José da Costa Pereira, tambem brasileiro e operario maximo da nossa independencia, no patrio idioma elevou tão alto a imprensa politica.

No periodo em que Evaristo redigio a *Aurora Fluminense*, nem aquem nem além-

mar, foi levado de vencida nessa arena em que então, pôde-se dizer, elle foi hero unico.

« Desgostoso de tanto periphraseado servil dos periodicos ministeriaes, como do tom licencioso e anarchico adoptado pelos liberaes, diz ainda Armitage, Evaristo começou a publicação da sua *Aurora* sem se ligar a partido algum.

« É quasi inutil referir que o estabelecimento de um jornal independente tornou-se offensivo a todos os partidos; contudo esta mesma desintelligencia estimulára a curiosidade publica, e a circulação da *Aurora* tornou-se em breve mais extensa do que a de nenhum outro periodico »

Com effeito, erram aquelles que, como Joaquim Manoel de Macedo, em seu *Anuario Biographico*, filiam Evaristo a um dos partidos então existentes; quem lê, como tenho lido toda a collecção da *Aurora*, de 1827 a 1835, convence-se do contrario e segue, com todo o fundamento, a opinião de Armitage, seu contemporaneo e amigo, bem como a do Dr. De Simoni, que, no elogio historico pronuncia-lo na sessão celebrada pela Sociedade Amante da Instrucção em homenagem á memoria do grande jornalista, assim se exprime:

« Para grangear ao seu jornal a alta reputação que elle adquirio, Evaristo não precisou unir-se a alguns dos partidos então dominantes, ou favoneal-o. Coincidindo suas vistas em alguns pontos com as delles, e discrepando em muitos outros, não podia ir de accôrdo. Preferio, pois, ficar isolado, antes do que associar-se com outros em uma peleja, da qual seu coração não podia satisfazer-se.»

Talento verdadeiramente genial, espirito da mais fina tempera e acendrado patriotismo, não podia por certo Evaristo submeter-se á rotina de uma imprensa tacanha, que se tornava echo passivo das opiniões do governo semi-absolutista ou fazia-se paquin das mais baixas e ruins paixões. Ao assumir a direcção da *Aurora Fluminense*, da qual a principio não fôra mais que timido collaborador, quebrou desde logo os velhos moldes, avançou ousadamente por caminho até então não trilhado, dando a seu jornal uma feição inteiramente nova: a de uma independencia sem rudezas e a de uma cortezia sem subserviencias.

Não filiando-se a nenhum dos partidos existentes, não desconhecia, não obstante, a força dos partidos; e tanto, que uma vez certo da sua influencia, aggreuiou em torno de si representantes de todos os matizes que se podiam ligar por um ponto de contacto commum — o da moderação; formando assim, pois, um partido seu, embora oscillante e restricto.

Foi do seio desse grupo e com os seus mais aproveitados discipulos que se formou, pelos moldes do grande mestre, o partido conservador. E' Evaristo, pois, o iniciador da escola politica que, dias depois da sua morte, fundou Bernardo de Vasconcellos.

A influencia que o redactor da *Aurora Fluminense* exerceu nos acontecimentos politicos de 1829 a 1835 foi extraordinaria: ninguem ainda a teve entre nós em tão alto gráo; da sua mão, pôde-se com afouteza dizer, pendeu os destinos da nação, a vida da monarchia e a unidade do império. A sua linguagem severa mas cheia de moderação, energica por vezes mas nunca descortez, attrahio desde o começo do seu tirocinio jornalístico a attenção de todas as classes sociaes, e as suas idéas, tão sensatas quão lucidamente expostas, tornaram-se desde logo o pharol que apontou aos espiritos bem intencionados, mas vacilantes, o caminho a seguir a bem da salvação da patria.

No momento em que D. Pedro enviava ao povo e á tropa reunidos no campo da Acclamação, o acto da sua abdicación, formou-se como que um vacuo diante de todos, a nação como que se achou ao desamparo, um movimento ousado arrebatou-a-hia a Deus sabe a qual profunda anarchia. O general das armas Francisco de Lima e Silva mede a extensão do perigo, mas de subito fulge-lhe na mente um nome, Evaristo é chamado e só d'elle depende então a monarchia no Brazil.

O jornalista acode prompto, reúne os deputados e senadores que se achavam na capital, para deliberar em assembléa geral a eleição de uma regencia provisoria. A assembléa escolhe o deputado Evaristo para redigir uma proclamação ao povo e á tropa. « Essa proclamação, diz Macedo, foi digna d'elle e da assembléa, obra suave de sabedoria, de patriotismo e de moderação.

« Evaristo pronunciou então no campo as palavras historicas, de grande e generosa influencia: Moderação! Moderação! Haja moderação! E auxiliado pelo seu amigo Manoel Odorico Mendes, deputado aliás conhecido como republicano, suffocou as primeiras vozes que sinistras lembravam as noites das garrafadas e os insultos á nacionalidade, dizendo e repetindo as não menos memoraveis e generosas palavras: « Perdão para os illudidos!.. »

Adversario intransigente daquelles que formavam, o que elle chamava: o partido europeu — ou recolonizador, emquanto recebeu a reacção metropolitana, que a todo o momento se lhe afigurava irromper, inspirada pelo estado de oppressão com que o guante de ferro de D. Miguel esmagava o povo

portuguez, e que por isso mesmo como contracchoque aqui despertava a ideia de uma reconstituição pelos moldes do reino-unido, Evaristo combateu aquelle partido como o do — maior inimigo da sua patria — chegou mesmo a se tornar ameaçador, temido pela influencia que todos lhe reconheciam; mas, na hora do triumpho foi elle o primeiro a collocar-se em defesa dos vencidos, proclamando a confraternisação não já dos brasileiros natos e adoptivos, sem distincção de partidos, mas tambem dos estrangeiros sem distincção de nacionalidade, exclamando na camara dos deputados, quando se pretendia esbulhar os adoptivos dos direitos adquiridos: « Não se avilte a tal ponto uma classe tão numerosa de cidadãos nossos, que se julgue que elles devam ser pagos a preço vil; elles são dignos de occupar os grandes cargos do Estado se tiverem merito e capacidade; reconheço entre nós, brasileiros nascidos em outro paiz muito dignos de occupar esses empregos; e, se a nação quizer eleger algum delles para regente, dê livremente o seu voto.. »

Estas theorias inteiramente novas, tão cheias de ousadia como de autoridade, pois a palavra do expoente era ouvida com respeito, encheram de assombro os ultra-patriotas, e os adversarios que não perdiam occasião de tentar derribal-o do pedestal da sua grande popularidade, acoimaram-no logo de — traidor, corcunda, restaurador, vendido aos portuguezes. Calmo ante a tempestade que se formava e que não tardaria a tentar contra a sua propria vida, respondeu elle simplesmente pela *Aurora Fluminense*:

« E' verdade; em Março deste anno, quando um certo numero de europeus, instigados pelas intrigas de S. Christovão, e pelos seus proprios prejuizos, ultrajavam o pundonor brasileiro e feriram o amor proprio nacional, sem medirmos o perigo, fomos os primeiros a dar rebate contra taes attentados; a indignação, una justa indignação nos inspirou, e essas paginas que então escrevemos foram o traslado do sentimento de um coração brasileiro ulcerado pelas injurias feitas ao seu paiz. Com o dia 7 de Abril, as scenas totalmente se mudaram; a opinião brasileira ficou dona do campo; a maioria dos adoptivos succumbidos, e cheios de pavor Nesse dia as ideias de generosidade, de esquecimento do passado, ideias salvadoras para o paiz, uteis para os nossos verdadeiros interesses, porque um partido vencido e sem patrono não podia já compromettel-os, appareceram quasi geralmente: nós as abraçamos, e as proclamamos, sem que então isso nos fosse notado, ou attribuido a culpa. »

E assim proseguio sempre recto no caminho da justiça, defendendo os fracos e opondo-se ás arbitrariedades dos fortes, chegando por vezes a affrontar, na sua propria phrase — « cara a cara os desordeiros e sanguinarios. »

« Em nossa scena politica, diz o Sr. conselheiro Francisco Octaviano, não ha vulto mais digno de estima e sympathia do que o de Evaristo. Apresenta-se sempre com um patriotismo extremes de ambição pessoal: não reclama os fóros de homem de estado, sendo aliás a cabeça que dirige os esforços e combina os planos do partido nacional. »

Depois de conseguir a consolidação da nacionalidade, obra colossal que só um braço robusto como o seu poderia levantar no terreno oscilante da revolução, ia metter hombros a empreza não menos bella, a de iniciar a educação nacional, quando o lidador tombou de chofre ainda mal aprestado para a nova luta. O que elle queria, o que elle pedia era que o povo se fizesse operario, porque só do trabalho confiava elle o futuro engrandecimento da patria.

Não cessava de lançar ao ridiculo os titulos vãos e emphaticos, de combater a nascente empregomania, de aconselhar o estudo



VISTA DO HOTEL GOYANO, NO POMBA

segundo um desenho do Sr. Bernardino de Brito

Quem conseguiu tanto, entre nós, pelo jornalismo? Avassallar as ondas revoltas pelas tempestades politicas, domar as iras de um povo, para, como o patriarcha hebreu, conduzil-o á terra da promissão — a unidade do imperio. E descortinando o futuro grandioso que nos esguarda apontar-nos o caminho unico a seguir — o do estudo e do trabalho.

A sua obra ficou incompleta, mas nem por isso deixa de ser admirado o fuste de canelado primoroso porque lhe falta o floreo capitel.

da historia natural, e a applicação da intelligencia e do braço de seus compatriotas á industria e ao commercio.

Collocado no apice do fastigio politico, arbitro, póde-se dizer, dos destinos da nação, cercado da admiração e do respeito geral, o illustre deputado continuava a dirigir a sua modesta livraria, a escrever o jornal quasi sobre o balcão, e a dizer emfim: « —... deve alguém ter vergonha da profissão industrial que exercita? E' ser isto então um democrata?

Quanto a nós, declaramos á face do Brazil, que somos—mercador de livros, e que ainda não tivemos um instante de nos pejarmos disso»

Que exemplos! o da sua vida e o dos seus feitos. Memoral-os é menos render justissimo preito de homenagem ao eminente jornalista, que prodigalisar ás gerações nascentes fecundissima lição de amor á patria e ao cumprimento do dever!

Se o cidadão e o jornalista formam um todo admiravelmente talhado, o poeta como que corôa-se a si mesmo de imarcessiveis rosas de perennal primavera; a sua musa suave e tímida, desperta aos primeiros vagidos da pa-

Evaristo da Veiga, escreve Charles Ribeyrolles: «—não era desses que pulem phrases como os artistas cinzelam calices e punhos de espada. Não se emaranhava pelas altas especulações do espirito, seu saber nada tinha de encyclopedico; mas sua phrase era nitida, sua polemica activa e sensata, e possuia entre todos um grande e altivo sentimento de dignidade nacional. Em duas palavras—Evaristo era um grande character.»

Tal é, a rapidos traços, o homem que hoje conta meio seculo de silencio sepulchral; e que parece ter cahido em completo esquecimento, pois apenas, como monumento, recor-



CEMITERIO DO POMBA NO ALTO DA CIDADE

segundo um desenho do Sr. Bernardino de Brito

tria, e as suas singelas endeixas têm o quer que sejam de ingenuo e infantil; a letra do hymno da independencia não tem o rugir de Rouget de Lisle, mas a meiga alegria dos pastores da arcadia.

« Não menos inclinado ás letras amenas, diz Innocencio da Silva, que ás discussões tempestuosas da politica militante, foi um dos primeiros imitadores da escola litteraria da restauração em França, do que deu provas nas composições que imprimio. »

dam-lhe o nome glorioso as placas de uma rua de importancia secundaria.

No cemiterio de S. Francisco Xavier repousam os seus restos mortaes, singela columna erige-lhe o busto bellamente modelado por mão de ignorado artista; e ahi, solitaria, á sombra da capella, a venerada sepultura raramente é visitada por poucos e ignorada de muitos.

Resgatemos ao menos um pouco a grande divida nacional, adornando-lhe a sepultura

não de flores tristes e attributos funebres, mas de vividas rosas e virentes palmas, cuja fragancia penetrando pelos intersticios do marmore leve aos frios destroços da morte um quente bafejo da vida; que seja, como por

entre os cantos dos poetas e dos passaros em harmonioso concerto, o beijo maternal da patria genuflexa bemdizendo o filho querido.

FELIX FERREIRA.



MINAS

DA CIDADE DO POMBA A OURO PRETO

Deixei a cidade do Pomba ás 6 horas da manhã.

Ao signal do chefe com o seu classico—*olha queu embarca*—e o apitar da machina, seguimos viagem pela margem esquerda do rio Pomba, que fórma bonitas paizagens, serpenteando serenamente, através do mato verde ou da macêga dourada pelo romper da aurora.

No esplanado fronteiro á estrada fica a cidade, que se estende a uma pequena elevação da margem do rio, n'um panorama lindo, enfeitado com milhares de arvores e leques de bananeiras, através dos telhados escuros de suas casas, que pouco e pouco vão desaparecendo com a marcha da locomotiva.

Agora temos á beira da estrada fazendas tristes, como que desertas.

Atravessámos o Formoso n'uma pequena ponte, e, de novo pela margem do Pomba, temos a estação do Passa-Cinco. Largámos a margem do rio, subimos a serra por meio de uma ferradura e estamos na estação do Guarany.

No Guarany deixámos o trem do ramal do Pomba e seguimos no «expresso» para a Serraria.

O pequeno arraial do Guarany, triste por natureza, está edificado no declive de uma collina, tendo no alto a sua igreja matriz, em fórma de barracão, sem arte alguma.

O vapor nos leva pela margem direita do rio, deixando á esquerda o arraial.

Estação de Furtado Campos.—Aqui segue o ramal para a cidade bonitinha do Rio Novo; depois a estação de S. João Nepomuceno, bonita cidade e prospera: a plataforma estava cheia de povo alegre e senhoras bem vestidas; a linha ferrea atravessa parte da cidade baixa, onde se vêem alguns *chalets* bem construidos e as janellas cheias de senhoras.

Do trem, bem distante, vêem-se as casas no alto da cidade de S. João com a sua matriz em perspectiva de presepe.

A linha ferrea vai atravessando cafezaes immensos, fazendas de gosto, bonitas moradas, rodeiadas de ricos pomares, onde cantam bandos de melrós pretos e infinidades de passaros que alegam a viagem.

Depois as estações da Roça Grande, Rochedo e Bicas, aonde tem a Companhia Leopoldina importantes officinas; ahi almoçámos mal, com um vinho pessimo no *restaurant* ao pé da estação. Bicas é uma povoação importante, alegre e animada, creada pela antiga Companhia União Mineira. Tem por visinhança a importante cidade de Mar de Hespanha, Santa Barbara e outras povoações.

Bicas, Santa Helena S. Pedro, Socego, Silveira Lobo e Serraria é o que ha de melhor nesta viagem, pelos suberbos panoramas e paizagens lindas que se descortinam do alto da serra das Bicas, n'um horisonte vasto em que as florestas de mato virgem foram substituidas pelos cafezaes, limitando-se no horisonte pelas serras azues que esbatem-se com o azul do céu.

As fazendas são palacios, moradas confortaveis e elegantes, rodeadas de jardins enfeitados com muito gosto.

A's 2 horas e 50 minutos embarcámos no trem mixto da D. Pedro II, que nos levou a Juiz de Fóra, onde desembarcámos ás 4 1/2 horas da tarde.

A progressiva cidade de Juiz de Fóra é a rainha de Minas, onde o bom gosto, commercio e industria, rivalisa com as melhores cidades do imperio.

No dia seguinte embarcámos no «expresso» ao meio-dia, e ao apitar da locomotiva passámos por Bemfica, Chapéo de Uvas, João Gomes, Mantiqueira e João Ayres.

Na subida da serra da Mantiqueira, a 1288 metros sobre o nivel do mar, nenhum passageiro deixa a janella do carro para admirar as curvas immensas do zig-zag, através de uma vegetação soberba de um verde-escuro, deixando atraz de nós montanhas immensas, todas inferiores ao ponto de nossa subida.

No alto da serra na estação do Sitio passa o ramal do oeste de Minas; em pleno campo

chegámos a **Barbacena**, terra de moças bonitas, das flores e do afamado clima de saúde.

A's 5 horas chegámos a Lafayette. Passámos para a nova via de bitola estreita, em cujos carros se lê—Ramal de Ouro Preto; e ás 6 e 35 em Congonhas : é o antigo e decadente arraial da Soledade.

Hospedámo-nos no *Hotel Goyano*, e ao amanhecer cavalgámos nos burricos magros,

e costeando a serra de Ouro Branco, atravessámos o arraial.

Subindo e descendo montanhas, atravessando campinas infinitas, aspirando o ar puro e embalsamado do campo, bem á tardinha, avistei, lá bem ao longe, as primeiras casas da minha terra natal, a Suissa Mineira, o meu saudoso Ouro Preto.

BERNARDINO DE BRITO.

ZINGARA

Com este titulo orna uma das paginas do nosso numero de hoje uma producção do joven artista Arthur Lucas.

Ocioso e até pueril fôra recommendar a attenção do leitor para este bello trabalho, perfeitamente gravado pelo Sr. Alfredo Pinheiro.

Estamos certos de que justo juizo ha de se fazer dos sentimentos artisticos do nosso estimado collaborador diante desta pagina, tão feliz pela simplicidade do assumpto como pela delicadeza do dezenho.

O typo da Zingara é característico nos seus traços physionomicos e observado do natural na attitude indolente, preguiçosa e descuidada em que se acha. E' uma criança ainda. As privações, as intemperies da existencia, têm-lhe feito estremecer de medo, mas longe está o momento de burilarem em suas faces as rugas profundas dos desgostos.

Ella tem soffrido e soffrido muito.

Pertence a esta raça sem patria, raça desherdada de um solo em que possa levantar para a vida o tecto de uma choça e abrir para a morte um tumulo molesto e sagrado.

Tem andado sempre; desde criança seus pés comprimem o solo ardente das regiões do tropico e a terra humida, doentia, gelada dos paizes septentrionaes.

Tem visto paizagens opulentas, vegetaes gigantes, céos de um azul intenso e luminoso; e tem dormido ao canto das paredes, pelas ruas, exposta ao frio, á chuva, á neve.

Emquanto deglute o duro pão escuro dos miseraveis, a sua fantasia, talvez, leva-lhe a sumptuosos banquetes, moradas ricas de Cresus de paletot de brim, de burguezes Vitellios, que, fartos, risonhos, indifferentes ao mundo, mandam deitar o resto aos cães mais felizes que o trabalhador honesto.

Mas a pobre está affeita ao soffrimento. Que lhe importa os grandes! Durmam nos seus leitos esculpturados e cobertos de damasco, pisem seus tapetes macios e aveluda dos,

bebam seus raros vinhos de Corintho, gozem a sua existencia sem privações, porque ella, tambem, maltrapilha, pobre, ignorada, tem as lendas da sua raça, tem as poeticas canções do seu bando, para derramarem-lhe dentro d'alma o deslumbramento dos arreboes.

E hoje, amanhã, depois, qualquer dia emfim, seus companheiros levantam as tendas ennegrecidas pelos climas de todos os paizes e vão caminho d'além...

Qual o destino que os leva? Para onde seguem, que ponto visam? Ninguem sabe.

Elles tambem ignoram. Onde quer que seja, onde haja um pedaço de terra desocupado, ahi armam as barracas, ahi passam algumas semanas, vendendo seus artefactos, commerciando suas quinquilharias... depois... Depois continuam a peregrinação eterna. E ella tambem vai entre os da tribu, inconsciente do seu destino.

Quando chega a fadiga canta; as canções da sua raça mitigam a fome, matam a sede, retemperam as forças.

Nesta existencia ha poesia e originalidade.

E' miseravel e é grande. E' merecedora de piedade e é digna de admiração.

Taes foram as causas, talvez, que inspiraram ao nosso delicado collaborador esta pagina:

O seu coração é de moço, e, portanto, sabe sentir, melhor do que o de outros, esta mysteriosa poesia da vida dos ciganos.

Arthur Lucas é um artista que se está formando; por emquanto não tem uma grande responsabilidade por seus trabalhos — é um alumno, mas alumno [que ha de ser *mestre*, porque tem talento.

Pertence a esse sympathico *bando dos terriveis*, o bando dos artistas do futuro, do qual fazem parte Bento Barbosa, Isaltino, Jubim, Raphael Frederico e todos esses moços que, na Academia de Bellas Artes, formam a esperanza de um periodo do florescimento para a nossa enfesada e pallida arte.

G. D. E.



ZINGARA--desenho de A. LUCAS e gravura de A. PRIMEIRO

EFFEITO DE LUAR

A gravura que damos sob este titulo é um estudo de desenho e gravura, diz o artista, estudo *d'après nature*. effeito puramente physico do luar batendo sobre o navio e o mar.

Mas não é sómente como obra d'arte que devemos encarar este trabalho, mas como uma pagina truncada desse esplendido livro sempre aberto a nossos olhos, que se chama natureza.

Como tudo isto é bello e enche a alma de poeticas visões. Como, alta noite, debruçado sobre a amurada do barco, o scismador, alongando o olhar, vê surgir d'entre as ondas pra-



EFFEITO DE LUAR-gravura e dezenho de A. PINHEIRO

Encarado deste ponto de vista artistico é um trabalho que muito honra a pericia e summa aptidão de Alfredo Pinheiro, e que pelas dimensões reduzidas comprova as suas habilitações para a illustração de livros; justamente a mais difficil e da qual mais sentimos verdadeira necessidade.

teadas pelo luar, imagens revestidas de todos os encantos das tradições e da historia.

Têm razão aquelles que increpam os nossos escriptores e artistas por não se inspirarem em nossa natureza; na verdade, não ha por certo mais fecunda e fecundante musa.

F. F.

O JOKEY



Agora é que me recordo As raras vezes que ia ao club de corridas a cavallo vi-o sempre. Lembro-me de vê-lo passar, com o seu bonet de longa pála a bico de passaro, a roupa estreita de duas côres, as botas de canhão vermelho, montando eguas de côr escura. E passava a toda brida, surdo pelo vento, nada vendo além dos contedores da carreira, vergado sobre o pescoco da egua, pallido, os dentes cerrados, um grito guttural seguido, abafado, e o braço agitando a tála e açoutando sempre, seguida, nervosa, automaticamente a egua escura á disparada.

Sempre vencedor. Não sei se attribuir á fina raça das longas eguas esguias ou á pericia do cavalleiro; o que é verdade é que chegava sempre adiante. A banda musical, as palmas e a vozeria do povo rompiam em lóas ao vencedor. E elle passeiava radiante, ebrio, pallido de commoção e de fadiga, diante das bancadas, sobre a egua offegante.

O barão, por si, commovidissimo com o triumpho do seu animal, cobrava *poules*, pagava e recebia apostas com as mãos repletas de notas.

Rico fazendeiro que chegára a envergar a *verde librè de ministro*. Mais tarde, por desgostos fundos ou por mero interesse, abandonou a politica pelos cavallos. Um bello typo de jogador e nada mais.

E o jokey entrava, trotando sobre a egua offegante, pelas cocheiras de espera.



Desde rapazote, como seu pai fosse já empregado do barão, affeição-se áquelles animaes. Dava-lhes a ração, assejava-lhes as baias e puxava-os pelo cabresto até o club, onde o pai, um tísico, desempenhava o papel e o lugar que elle occupava ultimamente.

Uma vez em que uma das eguas adoecêra foi-lhe um periodo afflictivo.

Dormia as noites nas baias, deitado sobre a palha, á luz frouxa dos lampeões, a ouvir, a vêr, se a egua gemia, se ia melhor e o que tinha. Condoia-se daquillo.

Uma manhã, quando abriu os olhos em cima da palha, vio o animal a puxar uns fios da mangedoura. Havia muitos dias que não comia nada. Ficou ebrio de alegria e sahio fóra, com os olhos cheios de somno, a chamar, a gritar pelo pai, pela mãe, que a doente estava melhor, que estava já a comer, a coitadinha!...

Desanuviou-se-lhe o coração.

Juntos, pai e filho, lá iam ás quinzenas para o trabalho.

E sempre que elles sahiam vinha-lhes a velha á porta, com o seu lenço á cabeça a recommendar-lhes prudencia. E dizia-lhes:

« — Cuidado! hein... cuidado!.. Isto de corridas... »



E a banava a cabeça n'um signal de desgosto.

E já longe iam elles, e ella de cá ainda a chamal-os e a repetir-lhes com o gesto aquellas palavras ditas.

Mas juntos iam sempre. Gostava o filho de ver o pai, á hora da corrida, com aquellas bellas roupas de côres vivas, que elle tambem havia de ter um dia, diziam-lhe.



Ia-lhe leve o trabalho embalado naquella esperanza. O velho tísico começou a fazel-o correr nos ensaios sobre as longas eguas esguias.

Em um dia em que o barão appareceu ás estrebarias o velho apresentou-lhe o filho. Que já estava mestre de carreira, disse. Que podia já montar nas apostas e allivial-o um pouco da tarefa que já o trazia cansado havia tempos. O barão poz suas duvidas e seus receios. O velho insistio. Era por sua conta. Só lhe faltava a roupa.

O rapaz andava que não se cabia em si de contente. Andava radiante. Por fim estreou e estreou com successo, apezar dos movimentos de cabeça da velha, cheios de desgostos.

— Tão novo o rapaz!... Ia-lhe acontecer alguma...

E sempre que elles iam, pai e filho, arrastando as eguas para o trabalho, vinha lhes fóra a velha, com o seu lenço á cabeça, a dizer-lhes:

« — Cuidado! Cuidado! Isto de corridas... »

Agora, depois que o velho foi-se com a sua tuberculose, era elle o herdeiro fiel da confiança com que o barão enchêra o pai. Era

o chefe da casa e o arrimo da pobre velha. A primeira vez que elle sahio, só, para o trabalho, veio-lhe fóra a velha a chorar, a lembrar-se do pai, e, com o lenço preto sobre os cabellos brancos, os olhos cheios de lagrimas, a redobrar-lhe as recommendações e os temores.

Entretanto ia-se-lhe a vida consolada. Entre seus companheiros tinha reputação de honesto. Do velho jokey e estribeiro, seu pai, recebêra os preceitos duros da honra. E no club, entre todos, affirmava-se que elle nunca fizera uma maroteira. Nunca!

* * *
* * *
* * *

Em uma vespera de corridas, pelo meio dia, entrou-lhe pelas estrebarias o barão.

— Amanhã, disse, é preciso deixar perder a corrida esta egua que entra no segundo pareo... E mostrava-lhe com a bengala um animal que comia nas baias silenciosamente.

O jokey ficou admirado. Arregalou os pequeninos olhos pardos e disse-lhe:

— Mas olhe o senhor patrão que isso é máo. O animal nunca perdeu. Depois perde a vergonha e... entram lá os outros do club a fallar... a dizer ..

O barão voltou-lhe as costas, e disse-lhe da porta, a sahir:

— Veja bem o que faz!

Poz-se a pensar naquillo.

O que haviam de dizer os outros? Fazer perder a carreira o animal!...

E foi queixar-se á velha. Não podia ser... Pois havia de prender na carreira a *Sultana*, que corria que mettia gosto?!...

Disse-lhe a velha que obedecesse

— Pois se elle era o dono dos bichos e o patrão da gente... Era fazer-lhe o gosto ..

Obedeceu. O animal perdeu a parelha. Voltou para casa com a cara a rastos. Ia dizer ao patrão, oh se ia!... que não o serviria mais. Não podia... Que o pai nunca lhe ensinára aquillo. Que estava-se a morrer de vergonha!...

* * *
* * *
* * *

Ouvi hontem dizer que era dia de corridas. A' noite, cerca de 7 horas, de volta para casa, vi que uma multidão agglomerava-se á porta do Necroterio

Tilintou-me a curiosidade. Entrei. Uma luz fosca illuminava a pequena sala de espera pelo comboio da ultima jornada. A multidão enchia tudo. Acotovellando, fui e vi.

Sobre uma das mesas de marmore branco, estendido, com as roupas de duas côres, as botas de canhão vermelho, cheio de pó e terra, as mãos crispadas, o rosto ferido e

desordenado, estava o cadaver do jokey, morto em uma quéda desastrosa no quarto pareo da corrida de hontem.

Um ruido surdo borboletava no recinto. Subitamente todos voltaram-se para a porta. Havia vozes. E uma mulher baixa, trigueira, a tez enrugada, um lenço preto cobrindo os cabellos brancos, esparsos na testa, entrou, resoluta, com uma das mãos espalmada no ar a exclaimar com magoa:

— Ah! eu bem lhes dizia!... eu bem lhes dizia!...

Entrou como se a ninguem visse, e caminhou direito ao cadaver. Olhou-o, agarrou-lhe uma das mãos crispadas, como se quizesse reconhecê-lo, se o acreditasse vivo ainda.

O seu olhar devorou-lhe a figura.

Ao lado, sobre a mesa, como destroços ou armas de guerra, estavam o latego e o bonet de longa pála a bico de passaro. Imovel estava elle, com o semblante decomposto e cheio de pó. Do lado direito, sobre a face, havia uma grande ferida de labios roxos, coberta de poeira. A boca entreaberta, como se sorrisse dolorosamente, mostrando dous dentes da linha superior, brancos, sem brilho. Do cartto do labio descia um fio de sangue. A perna direita torcida, partido o calção, cheio de terra, dentro da bota pequena.

A luz do gaz batia-lhe na cara com uma mudez tristissima e lugubre.

A velha repetia a exclamação, dolorosamente, a chamar pelo filho. Com o lenço preto cahido para traz, os cabellos brancos revoltos, rodeando com os braços emmagrecidos a cabeça do cadaver, punha-se a beijar aquella cara deformada, ferida, cheia de pó. A espaços, com a ponta do chales, limpava as suas lagrimas ou o fio de sangue que descia dos labios do filho.

Tudo calado. Tudo medonhamente tragico, medonhamente lugubre. Olhei em roda. Todos haviam sahido.

Encaminhei-me para a porta. E dalli, num ultimo relance, vi a pobre velha ainda a beijar, a chorar sobre aquella cabeça deformada, que ria dolorosamente, e a repetir aquella phrase fundamentalmente recriminadora:

« — Eu bem lhes dizia! »

* * *
* * *
* * *

Fóra ia passando a noite clara, morna, muito mansa, cheia de scintillações azuladas de estrellas.

Vinha tocando alegremente ao longe, muito longe, a banda musical que voltava do club...

Assim morreu o jokey.

MANOEL CARNEIRO.



EPISODIOS DA GUERRA DO PARAGUAY

O exercito havia transposto o rio Paraguay para a margem direita, acampando no lugar denominado Santa Thereza, no territorio do Chaco.

A estrada que nos servio nesta jornada tinha cinco ou seis kilometros de extensão e foi feita pela nossa infantaria e corpo de pontoneiros, sob a direcção do invicto general Argôlo; estrada feita de estivas por cima de pantanos, auxiliada por pontes de embarcações nos lugares em que o rio fazia igarapés. Esta gigantesca obra é um valioso documento da proficiencia e pertinacia daquelle general, o mesmo que em Curuzú circulou o 2º corpo de exercito, que commandava, de trincheiras inexpugnaveis.

Na noite de 5 embarcámos nos monitores encouraçados e fomos em demanda do porto de Santo Antonio, onde pisámos terra firme, fugindo assim á fortaleza de Angustura, com o intuito de contornar a forte linha de Piquicery para tomar a retaguarda do inimigo e collocar-o entre tres fogos: o de frente e o de retaguarda, enquanto a nossa esquadra fizesse-lhe fogo pelo flanco direito.

Depois do desembarque, o grande general em chefe marquez de Caxias mandou explorar a vanguarda, e, encontrando uma ponte sobre o riacho ou rio Itororó, a transpoz com um regimento e um batalhão de linha. Bem avisado como andava sempre, pela longa experiencia de guerra, ordenou que essa força ahi ficasse de piquete avançado, enquanto mandava o resto do exercito acampar a quatro kilometros, mais ou menos, na retaguarda.

Indo, porém, a esse lugar um general, commandante de um dos corpos de exercito, a que pertencia a referida força de piquete, a fez retirar, não sabendo que tinha sido por

ordem do general em chefe; e tão mal inspirado andou que, vendo os paraguayos quanto podiam aproveitar da posição difficil do nosso exercito, não só pelas difficuldades que offerece uma passagem de ponte, como ainda mais—por ella estar na fralda de uma collina e por só se tornar de livre transito depois que os corpos percorressem um grande desfiladeiro—vieram nessa mesma noite e tomaram posição de modo a evitar a nossa passagem.

Assestaram a artilharia, enfiando a ponte e o desfiladeiro, de tal maneira que, se não contássemos com a bravura dos nossos soldados, indubitavelmente seriam perdidos todos os trabalhos da estrada do Chaco, ficariamos collocados em pessimas condições estrategicas e uma derrota completa seria a recompensa de tantos sacrificios.

O erro bem caro custou á patria. Ahi morreram o major Eduardo da Fonseca, tenente-coronel Azevedo, tenente-coronel Guedes, coronel Fernando Machado, e outros que deixamos de mencionar por não comportar o pequeno espaço que desejamos dar a este episodio.

*
** **
* *

Na manhã do dia 6 de Dezembro de 1868, ao chegar o nosso exercito na ponte de Itororó, foi recebido por um activissimo fogo de metralha. As nossas tropas, encorajadas pelo denodo e patriotismo de seus commandantes, avançaram em passo acelerado para transpor a ponte; porém a metralha zumbia no espaço, e, como uma machina do inferno, vinha saraivar nossas fileiras.

As companhias cahiam quasi completas, como se todos os camaradas estivessem ligados entre si por uma corrente que, embaraçando o movimento de um, tolhesse o de todos; ás vezes um ou outro tentava erguer-se, rugindo de dor, ensanguentado, anciando de cansaço, entre as vascas da morte, mas outras companhias avançavam á voz de seus officiaes, e, recebida por nova carga de metralha cahiam brutalmente sobre os agonisantes, suffocando-os, pisando-os, contorcendo-se, sobre os cahidos, nos derradeiros transes da vida.

Inimigos eram tão perto de inimigos, que de lado a lado ouvir-se-hiam as vozes de commando e os gritos dos feridos se não fosse o rumor da acção.

Uma nuvem de pó e fumo ennevoava o lugar da luta. De quando em quando havia uma intermittencia, mas rapida, tão rapida como o rolar de um trovão: era, talvez o resfolegar dos combatentes; e alentavam-se

de novo, respiravam a cheios pulmões o ar pesado; nesses momentos seus olhos viam tremular entre os densos nevoeiros de fumo a bandeira auri-verde, rôta pelos estilhaços da metralha, esfrangalhada pelos golpes das lutas anteriores. Era a patria que os acce-nava; e uma voz estranha, blandiciosa, suavissima como o fallar de uma mãe, dizia-lhes á consciencia: Defendei-me, meus filhos! Defendei-me!

o pulo dos corceis espicaçados, espantados pelos estampidos, instigados pelos *upas* dos cavalleiros, ameaçavam galgar a linha de assalto. Esta carga tornou-se um impecillio; os cavallos mortos enchiam a ponte, difficul-tando a marcha da infantaria.

Todas as esperanças de victoria tinham se findado. A artilharia paraguaya sustentava fogo vivo, coadjuvada por uma fuzilaria certa e bem mascarada.



DUQUE DE CAXIAS

Então este oceano humano rugia, erguen-do-se desesperadamente, e ia tombar sobre a ponte, porque o fogo do inimigo era valente-mente sustentado.

Fez-se uma tentativa á cavallaria para tomar a ponte. Foi uma carga admiravel pela coragem e destreza dos nossos bravos; mas o ponto tornára-se inexpugnavel, e a cavallaria foi colhida por uma saravada de metralha precisamente no instante em que

Corria-nos pela alma as mais dolorosas im-pressões, pensamentos intraduziveis e que só nessas emergencias podem ser comprehendi-dos.

O marquez de Caxias mandou que o gene-ral Osorio seguisse com o 1º corpo de exer-cito pela direita do inimigo e fesse contor-nal-o, a ver se podia colhel-opela retaguarda.

Foi uma marcha cruel. Os soldados com o equipamento ás costas substituiam o passo

ordinario pelas correrias, de sorte que muitos morreram estafados, caíram exhaustos. Entretanto a legendaria valentia do general Osorio não deixava nada a desejar: batia-se a força, resoluto e dedicado.

Quem escreve estas linhas pertencia ao 2º corpo do exercito, que formava a retaguarda; bem cedo achou-se á vanguarda: taes eram as perdas que em tão poucas horas o inimigo fizera nas nossas fileiras.

Os batalhões dispersavam-se, as praças abandonavam seus postos, retrocediam para carregar outra vez. O 51º corpo de voluntarios commandado pelo bravo coronel Frias Villar, tendo transposto a ponte, foi rudemente atacado pelo inimigo, e formando quadrado sustentou o fogo, tendo em vista a tactica militar; hora seja feita ao nome desse valente brasileiro, foi o unico que assim procedeu, demonstrando sangue frio, convicção e coragem.

O nosso enfraquecimento parecia irremediavel.

Então o marquez de Caxias, com o seu grande tino de guerra, vio que o supremo momento era dado; erguendo heroicamente a cabeça, desembainhou a espada e com a voz clara e vibrante, disse-nos:

— O vosso general vai transpor a ponte. Se sois soldados dedicados, brasileiros valentes, conto convosco.

Não se póde descrever precisamente o effeito destas palavras; dir-se-hia que o solo, oscillado por um tremor subterraneo, fizera estremecer esta multidão de bravos.

Subito como um relampago, ribombou no espaço um brado sahido dessas milhares de bocas:— Viva Sua Magestade o Imperador! Viva o exercito! Viva o nosso general em chefe!

A este ribombo duas detonações da artilharia inimiga responderam... mas os batalhões formaram uma só massa, e, igual a um vagalhão que abafa o casco de um navio, transpuzeram a ponte, levando o inimigo de vencida.

A victoria! depois de tantas horas de indecisão!

A victoria de um exercito bater o inimigo n'um combate é scena que não se descreve. As lagrimas chegam-n'os aos olhos, o riso pouza nos nossos labios, somos crianças —queremos abraçar a todos os camaradas, queremos cantar, queremos fazer mil cousas pueris, e o contentamento arranca-nos do peito os nomes de nossos pais, de nossas esposas, de nossos filhos e irmãos. E' tudo e é nada.

O proprio marquez de Caxias, general que pôde contar seus annos pelos combates que deu, era captivo de sublime arrebatamento.

Fui fallar-lhe de ordem do meu chefe, e elle me recebeu a sorrir; as suas palavras eram agradecidas; o seu olhar penetrante e firme parecia o olhar de uma criança. Estava satisfeito pela bravura e patriotismo dos nossos soldados, e, ainda mais, chocado pela confiança que inspirava.

*
** **
* *

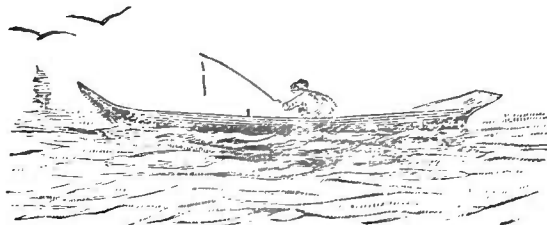
Se outros muitos feitos do denodado duque de Caxias não o celebrassem, não fizessem o seu nome lembrado com saudade por todo o exercito brasileiro, este episodio de campanha, que ahi deixo pallidamente esboçado, bastaria para illuminar o seu bello vulto militar.

Não conheço nem conheci, desde que milito, homem de maior energia, de tamanha força moral e tão justo.

E' digno não só da recordação dos seus commandados, mas da do paiz inteiro, do qual a sua espada foi uma garantia, e que hoje embainhada jámais terá em seus copos mão tão firme e valorosa.

F. F. DE ARAUJO,

Capitão de infantaria.





XYLOGRAPHIA

AO ALFREDO PINHEIRO

Arte, divina inspiração! Divina
Creadora de cousas eternas!
A virtude a moral jámais ensina
Como a ensinas tu, arte, jámais!

E's immortal, eterna peregrina!
Embora soterrada em areaes,
De Milo sahe a Venus que fascina
Os deslumbrados olhos dos mortaes!

O mármore saccharino, o bronze duro
Do artista traduz ideal puro,
Que n'alma, bello, em borbotões fulgia!

Mas quem o tem guarda o primor, cioso.
Para o reproduzir do povo ao gozo
Surgiste, ó popular xylographia!

GUILHERME MARTINS.



As immensas riquezas do Brazil opulentaram assombrosamente os reinados de D. João V e D. José. Só na frota que largou de Pernambuco para Lisboa em 1751 foram:

Para particulares, em moeda 296:083\$860; ouro em pó 23:346\$756; dinheiro em manifesto 3:046\$207.

Levou a mesma frota: 10,341 caixas, 868 feixos, 666 caixas de assucar, 110,589 couros em sola, 43,637 couros em cabello e 26,285 couros de atanado, 12,075 quintaes de pão-brazil, algum tabaco e diversas mercadorias.

No mesmo anno de 1751 levou a frota sahida do Rio de Janeiro: 10:344\$332 em dinheiro e mais 11,087 marcos, tres onças e uma oitava de ouro em pó; 1,621 marcos, cinco onças e uma oitava, em barra, para a

coroa. Para particulares: 3.140:919\$405 em dinheiro, 2,607 marcos, sete onças e tres oitavas de ouro em pó, 3.154 marcos, quatro oitavas em barras, cinco marcos, quatro onças e duas oitavas de ouro lavrado em varias pecas. O manifesto da frota accusava: 1.265:720\$156 em dinheiro, 39 marcos de ouro em pecas lavradas, 1,534 caixas de assucar, 733 feixos, 370 cannas, 2,770 couros de boi, em cabello, 1,585 atanados, 2,712 e meio em sola, 1,438 pontas de marfim, 1,028 quintaes de barbas de baleia, 46 pipas de azeite de peixe, 1,254 barris de melão, 937 barricas de farinha de mandioca, 160 milheiros de coquilhos, afora grande quantidade de madeiras de varias qualidades.



Antecos ou *antiscos* são os povos que vivem no mesmo meridiano, ou na mesma longitude, mas em latitudes oppostas, e á igual distancia do equador, de modo que se uns contam 20 grãos de latitude norte, outros contam 20 grãos de latitude sul. Por exemplo, se buscarmos os *antecos* do Egypto no hemispherio boreal, acharemos que são os povos do Monomotapa.

Os *antecos* têm as mesmas horas de dia e noite; porém estações oppostas, isto é, quando para uns é verão para outros é inverno.

Periecos ou *periscios* são aquelles que se acham no mesmo paralelo, e em meridianos oppostos, ou que estão na mesma latitude, porém distante 180 grãos de longitude.

Têm as mesmas estações, porém as horas do dia e da noite oppostas, quer dizer: quando para uns é meio-dia, é para outros meia-noite.

Antipodas são os povos que vivem na extremidade de um diametro terrestre, isto é, que habitão em meridianos e paralelos oppostos. Distam, pois: 180 grãos de longitude, sendo oppostas as suas latitudes.

Os *antipodas* têm as estações oppostas, bem como as horas do dia e da noite.





O brasileiro viajado

Eil-o, completo e acabado.

Esteve na Europa um ou dous annos, formou-se em sciencias infusas, aprendeu tudo e esqueceu a lingua materna.

Traja com apuro, com exagero, pelo ultimo figurino de Paris; detesta a terra que o viu nascer, exalta as grandezas do velho mundo, e morre de tedio nesta sociedade chata que o não comprehende.

E' candidato a um lugar na legação de Londres, Paris, Vienna ou Berlim, nada de America. Está morto por voltar á culta Europa e entre dous bocejos não cessa de dizer:

— Que terra esta!

Aos amigos embasbacados conta maravilhas do que vio; tudo que ha de bom só lá existe, tudo quanto não presta é que vem para cá.

— Vossês sabem lá o que é champagne! exclama elle; estão persuadidos que bebem vinho do Rheno, pois isso é cousa que venha para cá. Charutos de Havana, onde os fumaram vossês? Isto que por ahi se vende a 300 ou 400 réis? Isso é palha; puro Hamburgo fabricado com fumo da Bahia.

Em Paris, dizia um destes typos, procurei por toda a parte a fabrica de calçado do Suser ou do Milliet e ninguem me sabia dar noticias, até que um dia, passando por uma rua escura, descobri o tal Milliet, um pobre sapateiro de quarta classe!

Nos theatros passeiam anojados pelos jardins de ver tudo aquillo, admirados de que se chame encenação de luxo *aos trapos* do Sant'Anna.

Estropiam propositalmente o idioma patrio sem darem, às vezes, fé que fazem outro tanto e mui naturalmente com o estrangei-

ro; fallam um francez de contrabando, e não escrevem em nenhuma lingua duas linhas sem meia duzia de erros.



BRAZILEIRO VIAJADO

Oh! o brasileiro viajado é um typo que dá bem assumpto para um romance, e ha por ahi alguns tão completos, que para pol-os em scena é só copial-os *d'après nature*.

Quer-nos parecer que o nosso desenhista B. Barbosa nem fez outra cousa.

FLUMEN.

